



O Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário

14 de Julho de 1990

Ano XLVII - Nº 1209 - Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

PAI AMÉRICO

O amor total reclama disponibilidade total. Quem ama muito pode fazer muito. Bem sabemos que as ideias sozinhas não chegam. Não vencem nem convencem para sempre. A sabedoria do coração, a que nasce da vida da experiência é o caminho certo, mais humano, mais curto e mais doloroso para chegar à verdade. Ela arrasta e convence. Sábio é aquele que ama. Pai Américo partiu, há 34 anos, para a Casa do Pai. Foi em 16 de Julho de 1956. Amou muito. Pôde dizer, com verdade, que «é o coração que mata a gente». Quem dera que cada um de nós se esforce por amar a todos totalmente. Sem olhar ao resultado; sem medir: nunca parcelando o nosso amor pela nossa medida. Foi sábio. Deixou-nos um rasto de Luz. Por ela muitas consciências vão acertando seus critérios, agora como quando estava vivo no meio de nós. Por isso, dizemos que Pai Américo partiu mas ficou. Não o vemos fisicamente, mas sabemos que está.

As ideias valem na medida em que são colhidas na vida real, no dia-a-dia da pessoa concreta. Sim; as ideias valem quando tiram a sua Luz e força da imagem e semelhança de Deus presente em cada criatura e na própria natureza. Quando assim é, tudo o que se faz no mundo tem feição humana.

Porquê tantas aberrações? Tantas monstruosidades? Não se tem em conta o apelo do coração humano. Esquece-se o homem!

Porquê tantas coisas belas que fazem o mundo feliz? O homem está no seu lugar.

Pai Américo foi sábio. Encontrou Deus no homem. Viu-O nos Pobres mais pobres: o garoto da rua, abandonado; o doente incurável, sem eira nem beira; a família sem tecto, à busca de casa para viver. Experimentou. Entendeu. Agiu.

Toda a gente que pensa e que deseja sinceramente um Portugal melhor importa-se, sobremaneira, com estes problemas. Que tenham soluções humanas! Quem dera que os responsáveis pela condução da coisa pública mergulhem na vida dos Pobres! A Nação terá menos técnicos, mas não faltarão os sábios. Destes precisa Portugal!

Pai Américo foi amado e respeitado. Sua mensagem é de ontem e de hoje. Aliás, a doutrina que viveu e pregou não era dele, mas do Pai do Céu que o chamou e enviou. Foi na Igreja que ele a hauriu. Na fidelidade à Igreja está o segredo da fecundidade da sua vida ao serviço dos Pobres e, por eles, a todos os homens.

A Igreja é, assim, responsável pelo fruto mais querido do sacerdócio de Pai Américo: A Obra da Rua.

Em tempo de aniversário e de bodas de ouro que temos para dar? As nossas vidas com o desejo de que sejam purificadas pela consciência da nossa pequenez em missão tão nobre como esta. Vale a pena deixar-se queimar!

Que pedimos? Mais vidas. Mais vocações. Chegam apelos aflitos de Moçambique, nesta hora. Queremos caminhar devagarinho, com passo muito firme, sabendo o terreno que pisamos. Vamos pelo caminho da confiança: primeiro, na Igreja que é Mãe e sabe, na hora própria, dar tudo o que puder; depois, nas pessoas boas que sempre têm acompanhado a Obra da Rua como a menina de seus olhos.

Padre Manuel António



PARTILHANDO

• Importante, urgente e muito difícil, na prática, o fazer chegar aos carenciados as sobras (será o supérfluo?) dos países ricos.

Vejamos:

O telefone tocou. O encarregado dos serviços sociais daquela Escola do Ciclo Preparatório, atendeu: «Que sim, podia ser». Naquela tarde chegou uma carrinha carregada com carne congelada, ervilhas e carne enlatadas. «Sobras da C.E.E.» — disseram. E foram «encantados». Sobras, mesmo? Não interessa. Interessa-nos, sim, verificar o processo simplório (mais fácil) de resolver o problema: Carrega-se no armazém e despeja-se na Escola próxima.

Mais: os alunos pagarão o mesmo. Se alguma poupança, reverterá a favor do Estado.

Ora, qual o fim desses contingentes? Os mais carenciados, sem dúvida. Se eles não forem contemplados, não se vê razão.

Quem fará chegar aos mais pobres estas dádivas de que tanto necessitam? Não consta que as Igrejas (dos vários credos) tenham sido convidadas a colaborar para maior eficiência na distribuição.

Talvez a Cruz Vermelha e os Serviços Sociais, em cada bairro, se não tão mergulhados na barafunda dos processos e pondo um pouquinho de amor na técnica das teclas... Talvez...

E, no fim de tudo, temos de concordar que não é dando coisas que se educam os povos para o trabalho e progresso.

Pão e vestido a quem arderam os haveres, «ainda que vá»... Agora, carne e queijo a povos que não cultivam uma boa parte das suas terras, ou as venderam aos estrangeiros, é favorecer a preguiça e o pouco senso dos mesmos.

«Canas de pesca em vez de peixe». Claro, todos nós concordamos. Só que, na prática, preferimos servir, às mesas dos cafés, os donos de ricas plantações em terras que lhes vendemos.

Continua na página 4

LUTA CONTRA A POBREZA

Sendo específico empenho da Obra da Rua lutar contra a Pobreza, desde os anos trinta em que que Pai Américo a começou nas ruas de Coimbra, informal mas realmente, tão realmente que, no dizer de um dos nossos Bispos, «ele não passou ao lado da pobreza mas por dentro dela» — não é de admirar o interesse com que seguimos este Programa e o desejo profundo da sua fecundidade. Por isso reflectimos; por isso alertamos; por isso queremos ver o programa na rua interpelando muitos, captando as atenções, mobilizando inteligências e vontades que, mesmo não tendo espaço de intervenção directa, contribuam para um clima favorável à desejada fecundidade. Queremo-lo água límpida a fluir de uma política de verdade, polarizada pelo objec-

tivo único da justiça. Imune de outros interesses que tantas vezes espreitam uma oportunidade subtil para se afirmarem e servirem.

Por isso insistimos na necessidade de uma informação abundante e frequente, com o que, aliás, está de acordo o redactor do documento «Acção Modelo» quando escreve no parágrafo 9.1: «À semelhança do II Programa deveria reforçar-se uma rede de informação, através de revistas, boletins, com produção de notícias sobre o quotidiano dos projectos, bem como ensaios de especialistas versando temas de desenvolvimento, de sociologia, de antropologia social, metodologias, macro-economia, política social, participação,

Continua na página 4

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

«CASA DO XAI-XAI» — Ainda que na Partilha haja intenções não expressas, seleccionámos as ofertas em benefício da reconstrução da referida moradia para os Pobres.

Assinante 26271, do Porto, acode ao «apelo para o arranjo da 'Casa do Xai-Xai' e de outras», com «pequena quantidade (dez contos) para algumas telhas».

O plural está correcto. Terminámos obras numa outra, com dois inquilinos idosos. Custaram dezenas de contos. A propósito: houve que destacar dois vicentinos para uma grande barreira no apartamento de um dos utentes.

Mais vinte notas do assinante 4395, de Vila Nova de Famalicão, «para aplicarem segundo o vosso critério». Riquíssima legenda! Quem dá, com o coração nas mãos, fá-lo com inteligência. Ora precisamos de tudo: cimento, tijolos, areia, lajes, telhas, caixilharia, etc.

Outra presença, habitual: o assinante 27527, de Viseu, com 5.000\$00. Afirma:

«Um dos mais graves problemas com que o País se debate é, sem dúvida, o da habitação. Milhares de famílias portuguesas vivem nas mais precárias condições e, sem casa minimamente condigna, não é possível a existência de famílias estáveis e coesas. Não posso ficar indiferente ao vosso apelo. Junto um pequeno contributo, dentro das minhas modestas possibilidades materiais. Mais: se todos os leitores contribuírem, em breve se concretizará a reparação de todas as moradias».

Muito bem!

PARTILHA — Assinante 32504, 1.500\$00 «para acudir ao que for mais necessário». Edla, 2.080\$00 destinados a «um casal de idosos». Boas férias! Cheque da assinante 16415, de Barcelos, repartido por vários sectores, incluívamos a nossa Conferência. Boas melhoras!

Num sobrescrito anónimo, endereçado à Conferência de Paço de Sousa, dez contos. Habitual remessa, do Fundão, com intenções expressas. Cinco notas, de Tavira: «Como sempre, peço anonimato». Baguim do Monte, 1.250\$00 «para a renda de casa da viúva». Dezasseis contos e «saudações fraternas de uma assinante de Paço de Arcos». Há quantos anos! Bendita persistência!

Assinante 14590: «Junto mil. Gostaria que fosse metade para uma viúva com filho(s) de leite. A outra, para os irmãos do Calvário. Desculpem ser pouco. Deus-Pai vos ajude na missão de bem-fazer e me ajude também a mim a fazer o bem e cada vez em maior abundância, porque, infelizmente, faço muito pouco».

Assinante 26152: «Deus chamou à Sua divina presença a minha querida mãe, com quase 98 anos. Deixou-me completamente só e com muitas saudades. Estou a passar momentos difíceis, mas Deus há-de ajudar. Foi uma boa mãe e era muito vossa amiga. Envie 5.000\$00 à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus para serem entregues a uma viúva». O valor da Família!

Setúbal: «Junto um cheque (3.000\$00) para uma viúva com filhos, ajudada pela Conferência do Santíssimo Nome

de Jesus, de Paço de Sousa. Dou com muita ternura e a Deus agradeço esta alegria que me dá. Peço orações pelos meus cinco netinhos que muito amo. É preciso rezar muito pelas crianças! Qual será o futuro delas?» É avó, cuja duplicidade maternal filtra o futuro com outra luz.

As Viúvas pobres já são mais lembradas!

A bolada normal da assinante 31104, de algures, com uma prece constante: «Rezem por mim». Apelo à Comunicação dos Santos!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Mais uma vez, apelamos à vossa generosidade e fraternidade, no sentido de melhorarmos as condições de vida de uma família já vossa conhecida. A família Maria do Céu que viveu numa casa em péssimas condições, e que, no decorrer do tempo, se foi degradando irremediavelmente, passando a viver com uma senhora de idade, numa casa de aluguer. Como uma catástrofe nunca vem só, a carinhosa senhora faleceu, recentemente, e o casal debate-se com problemas, uma vez que a senhora tenciona, e de pleno direito, alugar a casa, auferindo uma renda mensal que está fora das suas possibilidades.

É por esse motivo que nos temos empenhado em angariar fundos para a construção de uma habitação digna para esta família; e, felizmente com a vossa preciosa ajuda, conseguimos já um capital substancial, todavia ainda insuficiente para a concretização do objectivo. Por esta razão solicitamos ajuda para que, juntos, consigamos levar a bom termo este projecto, pois o casal, com três filhos menores, necessita urgentemente de uma alteração na sua vida, deixando para trás uma situação deveras angustiante e precária, passando a viver condignamente e em harmonia familiar.

Casal vicentino

SETÚBAL

Semana muito agitada, o final das aulas. Na agricultura não tinham descanso. Plantavam o tomate, semeavam o milho e colhiam batatas. Os últimos dias foram reservados a limpezas. Muitos sorrisos se viam naquelas caras. Viria aí um grande acontecimento? Sim, a festa da Catequese.

Muitos faziam a primeira Comunhão; outros, o Baptismo. Estávamos todos reunidos na capela quando começaram a chegar seis autocarros, cheios de gente, para festejarem connosco o acontecimento.

Traziam um programa muito engraçado. O resto da manhã foi de convívio e a piscina, como não podia deixar de ser. De tarde, a parte recreativa. Muitos jogos para toda a gente; e, por último, o futebol.

Apresentámos as nossas últimas vede-

tas: o Ricardo, de dois anos, e o Quim, 9 anos. Resultado positivo: vitória por 4-3.

Agradeço, mais uma vez, à empresa E. Furtunos-Surf por apoiar o nosso desporto. E, também, à ESNETI pela oferta de bonitos emblemas para o nosso equipamento.

Martinho

MIRANDA DO CORVO

DESPORTO — Realizámos um jogo de futebol com um grupo de jovens de Coimbra e acabámos por sair derrotados por 8-7.

Também realizámos outro para o torneio. Perdemos por 2-1, mas jogámos bem.

As equipas preparam-se para que saia uma vencedora no torneio inter-Casas.

PISCINA — Começou o banho na piscina, momento de que todos já há muito esperávamos.

Toda a gente quer ser o primeiro a mergulhar na água!

Esperamos que o tempo continue da melhor maneira.

OBRAS — Os pedreiros continuam a reparar os balneários. Já começaram a pôr os azulejos e aguardamos que fique tudo pronto o mais rápido possível para se lá poder tomar banho.

AGRICULTURA — Os campos de milho estão muito bonitos. De vez em quando são regados. A batata que falta ser arrancada tem uma boa rama e promete uma grande colheita.

FÉRIAS — Começaram as férias para quase todos, ansiosos por seguir para a praia apanhar banhos de sol e mergulhar no mar.

Partiu o primeiro grupo, com os distribuidores d'O GAIATO.

Ângelo

TOJAL

ESCOLA — Este ano parece que temos uma grande alegria no aproveitamento escolar dos nossos rapazes; os de Loures passaram todos, os da Telescola é que ainda não se sabe. Damos os parabéns aos filhos dos nossos leitores que tenham passado.

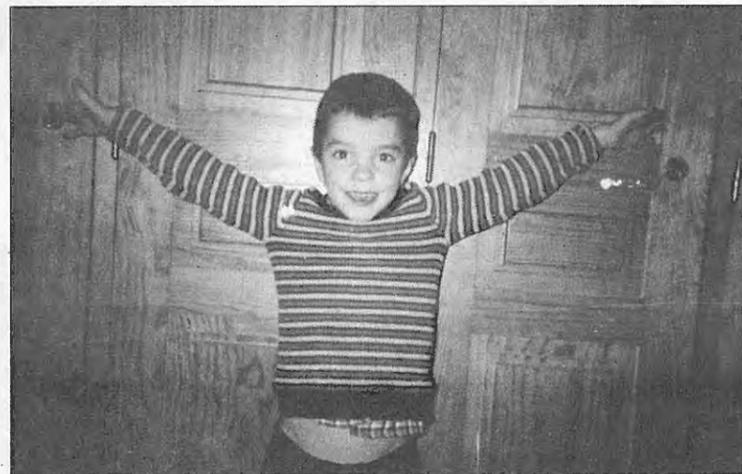
ANIMAIS — As vacas estão quase todas cheias. Já nasceu um vitelo. Baptizaram-no logo com o nome de «magriço».

AGRICULTURA — Pouco falta para começarmos a apanha da batata e do feno. Pensamos ficar com o celeiro cheio de batata, como de costume; e o palheiro também, para darmos de comer a tanta boca que temos na vacaria.

CAPELA — Já se pode dizer que não falta muito para acabar a obra. O chão, os vidros e a electricidade estão prontos.

DIA DA DIOCESE — O dia da Igreja de Lisboa foi comemorado, cá em Casa, com a participação de muita gente. Um dia de festa!

OBRAS — Os serralheiros estão a instalar, na casa-mãe, um corrimão para ajudar a D. Helena a subir e descer as escadas, pois está a começar a ficar «gasta».



O Ricardo quer mostrar-se à gente, nesta pose tão significativa e que, implicitamente, diz o porquê: fora um crucificado quando andava por lá...! Agora, porém, está na Casa do Gaiato e já não sofre a miséria da Rua.

FUTEBOL — Disputámos um encontro de futebol com os antigos gaiatos. Na primeira parte aguentámos o 1-1. Na segunda, por descontrolo da equipa, acabámos por perder por 4-2. O jogo foi um grande treino para a nossa jovem equipa que, em Setembro, participará no torneio inter-Casas. Precisamos de muito treino. Por isso, aos leitores que saibam de grupos que possam vir jogar, comunicamos que teríamos muito gosto em recebê-los.

Luís Miguel Fontes

ALVORADA

Escrevo estes meus versos para ti. Quero que saias da luxúria e do crime. Que tentes o salto para além do muro E te sintas na claridade da vida Confiante no futuro.

Não me importo de dormir no chão Para tu dormires no macio do meu colchão. Quero que estejas bem, que consigas sonhar Longe dos vícios da cidade e da vida Em transe de desmoronar.

Posso mudar algo negativo em ti. Posso transformar a tua vã tristeza Em alegrias e felicidade sem fim Com santos prazeres e a doce beleza Da Mãe Natureza.

Anda, vem comigo de terra em terra A anunciar a tua libertação. Que o pobre mundo consome-se em guerra Em vez de buscar a paz e proclamá-la Numa fraternal canção.

Manuel Amândio

Associações de Antigos Gaiatos

• NORTE

N'O GAIATO da quinzena passada, o Carlos Gonçalves escreveu uma crónica acerca da Cooperativa de Habitação que muito me sensibilizou e suponho que o mesmo terá acontecido aos nossos leitores. O Carlos, nas simples liúhas, mostra e faz reviver aquele grande problema que muito fez sangrar o coração de Pai Américo — o problema da habitação.

Conheço bem o Carlos Gonçalves,



uma distância de 200 metros. Isto em plena zona chique da cidade do Porto! Simplesmente inacreditável! Infelizmente vai ter de esperar não sei quanto tempo!

E aqueloutro que, com a sua família, mora num **capoeiro** em Vila Nova de Gaia! Sim, um **capoeiro**; esse também vai ter de esperar não sabemos até quando!

Estes quadros não são retocados. São a pura realidade. Estes nossos irmãos, que na infância foram uns abandonados, a fome sua maior fatura, era justo que não tivessem de continuar a suportar tão grande fardo.

Aqui está. Na crónica do Carlos Gonçalves vi a mão de Deus, através do nosso Pai Américo, a empurrar-nos para a frente. A acordar-nos. E a fazer-nos sentir que Ele poderia fazer abrir o coração de muitas pessoas amigas, para que, através da abnegação dos nossos leitores, acabe o tormento da habitação indigna de tantos irmãos nossos.

Vamos aguardar o milagre. Pai Américo acompanhará a nossa cruzada; disso não temos dúvida.

Fernando Marques

• CENTRO

Festa de Pai Américo — Uma vez mais nos reunimos em Encontro anual, a propósito do aniversário de Pai Américo, em 16 de Julho. Teve um sentido de maior fraternidade. Conosco, um numeroso grupo de irmãos, da Associação do Norte, que partilharam a alegria do reencontro e da comunhão de ideias e sentimentos.

Momento forte: a Santa Missa; fortalecidos pela Palavra de Deus e pelo Sacramento da Eucaristia. Na celebração da Palavra foi manifestada a verdade absoluta de Pai Américo — Jesus Cristo. Baseado nesta verdade, Pai Américo partiu para a sua missão concreta de serviço aos mais pobres e abandonados e encontrou o sustento para toda a sua mensagem escrita e falada. Arrastou multidões porque traduzia o exemplo de uma adesão incondicional a Jesus Cristo, projectada numa vida activa de doação àqueles a quem podia ser útil.

Sejamos capazes de nos identificar com Pai Américo e procuremos tê-lo presente a influenciar as nossas vidas.

Depois do almoço, e pausa para o café, prosseguimos com a sessão de trabalho.

O Presidente da Direcção fez o resumo das actividades do ano decorrido.

O Padre Manuel António deu uma perspectiva das Associações, segundo o pensamento dos Padres da Obra da Rua: São um fruto esperado e natural da Obra da Rua. Órgãos autónomos, com vida própria, que devem dar continuidade à acção das Casas do Gaiato; apoiando os rapazes quando partem para a construção da sua própria vida.

O Fernando Campolargo traçou a sua perspectiva. Motivou-nos a um maior empenhamento no apoio social, de uma forma estruturada, a todos quantos necessitem.

Momento recreativo: Os participantes nas Festas do Centro levaram à cena números que fizeram parte do programa. O maior aplauso para o «Conjunto Podióóochamá-lo». Conseguiu pôr em movimento toda a assembleia.

Terminámos com uma merenda partilhada, enriquecida com leitão e frango assados pelo Bandarra. Bom vinho da casa e refrigerantes. Adoçou a merenda a habitual oferta da Dan Cake. Reconhecidos, agradecemos.

Partimos mais fortalecidos na fraternidade e animados de entusiasmo por nos sentirmos membros de uma grande e acolhedora Família.

José Martins

ENCONTROS

Tive uma tentação. Pensei escrever ao Sr. Ministro da Educação. Vendo melhor as coisas, decidi não escrever e expor o meu problema aos leitores d'O GAIATO. Assim, há um público maior. Caso escrevesse a carta, corria o risco de só ele a ler e depois arquivar, talvez, no cesto ao lado da secretária. Todo o meu esforço se perderia.

Qual o meu problema? Há dias tive que ir a um desses bairros que da lata tomaram o nome. Oito moços e duas moças, com idades entre os onze e os catorze anos «divertiam-se» fazendo pontaria a uma placa de sinalização. Iniciei conversações. Era meados de Junho e todos tinham andado no Ciclo Preparatório. Só dois tinham tido aproveitamento. Alguns desistiram durante o ano. Agora eram as férias. Que vão fazer? «Vamos andar por aí.» Para esta gente não há cartão jovem, viagens, desportos, ocupação do tempo... E são três meses e meio de vida, à deriva.

Em nossa Casa, uns começaram férias em 9 de Junho, outros em meados de Junho, só os da Escola Primária foram até ao dia 29. Graças a Deus, nas nossas Casas temos maneira útil de ocupar os tempos: há a praia, há serviços na

• EM LISBOA

casa, há um ou outro trabalho no campo... Mas, de qualquer maneira, reconheço que são férias a mais e tudo por atacado. Os dias tornam-se demasiado prosaicos, longos, «chatos». Afastamento dos livros, afastamento de aprendizagem organizada, ausência de estímulos. Depois, em Setembro, quão difícil se torna o recomeço. Houve quebra de hábitos, houve grandes esquecimentos e o interesse baixou de nível com o aumento etário.

Sobretudo nas cidades, torna-se muito difícil «matar» o tempo. Pais fora, ausência de enquadramento, falta de estruturas... Quantas vidas se perderam neste tempo perdido para o crescimento humano! Naturalmente que falo da vida dos Pobres. É possível que para quem tem teres e haveres as coisas se passem de maneira diferente. Há muitas oportunidades para os meses de férias; mas quem pode aproveitar?

Noto que ao longo do ano a carga horária é grande: muitos aparecem com seis horas de aulas seguidas: falta tempo para o trabalho pessoal, para a interiorização das matérias, para organizar tempos livres úteis e que possam ter uma continuidade

durante as férias de Verão. As férias preparam-se ao longo do ano. Actualmente nada se passa dessa maneira. Um ano apertado que não dá tempo para respirar e, depois, a grande descompressão do tempo que não se sabe ou não se pode organizar. Tenho ouvido queixas de diferentes sectores que trabalham com a juventude: ao longo do ano não é possível fazer nada porque toda a gente está demasiado ocupada. Chega-se ao Verão e não se consegue fazer nada porque não há nada programado e entra-se na grande dispersão.

Que sugestões possíveis? Parece-me, antes de mais, que seria bom que a carga horária, ao longo do ano, fosse aliviada. Ajudaria os alunos a terem um pouco mais de tempo para um trabalho pessoal e não se limitarem a ser auditores. Daria aos professores maior disponibilidade para se interessarem com cada um dos seus alunos. Assim, o ano seria mais aliviado, haveria tempo para se estudar e tempo livre para ser utilizado por quem se interessa pelos jovens, quer seja em actividades desportivas, quer culturais, quer mesmo religiosas. Naturalmente que isso levaria a encurtar o tempo de férias, que, na actual situação, se salda por um enorme vazio, sobretudo para os Pobres e habitantes das nossas cidades.

Talvez não tenha dito bem as coisas. Talvez não tenha explicado bem o problema. Talvez que as soluções não sejam suficientes. Mas que existe um grande problema quanto à organização do ano escolar, lá isso existe.

Agora que o padrão avaliador é a CEE, era de ver se, por lá, as coisas não são um pouco diferentes das nossas. Mesmo que não sejam, creio que temos um problema sério para resolver.

Padre Manuel Cristóvão

UM PEDIDO

A notícia que saiu na edição de 2 de Junho, com o mesmo título, solicitando exemplares d'O GAIATO para completarmos várias colecções, mereceu dos leitores um acolhimento excepcional!

Para além de justo agradecimento, vale a pena citar uma das muitas ressonâncias:

«Aqui estou a dizer presente. Não o faço de ânimo leve, mas com muita mágoa, pois não tenho família que dê continuação à minha colecção do Famoso! Era pena ver deitar ao cesto dos papéis estas preciosidades que foram devoradas com sofreguidão. Continuo a ser um fiel leitor e assinante d'O GAIATO.»

É um Manuel, d'algures. Um dos milhares de Amigos que faz seu o nosso jornal, com a sofreguidão da primeira hora.

Padre Horácio

Júlio Mendes

DOCTRINA



A infidelidade dos conjugues também causa viuvez

• Aquela viúva doente, conhecida nestas linhas por «a do coleto de gesso», dá todos os sinais de haver chegado ao limiar do fim. Que o digam mãos piedosas que todos os dias a curam — as das Criaditas dos Pobres. Nós necessitamos, com urgência, de mais panos de linho para enxugar as feridas; e a quem hei-de eu ir bater, se não for à tua porta? Quando as migalhas do Pobre são chamadas à barra, os Pobres são sempre socorridos e remediados. As tuas são migalhas de Pobre. Tem sempre que dar, aquele que dá hoje e amanhã do seu pouquinho por amor de Deus. Na segunda-feira procurarei, nos lugares do costume, os ecos da minha voz. Colocadas assim, religiosamente, nas minhas mãos, estas migalhas são da mesma sorte distribuídas e respeitadas e encontram no pensamento do Pobre a intenção muito particular de quem nas dá. Fiel despenseiro de valores cometidos, entra a gente com eles no tugúrio mais aflito onde habita o mal sem cura, numa esperança sem limites; adora Jesus Nazareno no leito do padecente e recebe a luz divina da Humildade, a mostrar que não temos coração apto para subir tão alto, nem forças para vencer tais provas como as que sofrem os nossos visitados.

• Ai que ele é tão fácil criticar a vida do Pobre!, mais ainda a dos seus visitantes — «presos por terem cão e presos por o não terem» — que se não fora o tomar estas coisas como prova do Céu mais do que opinião dos homens, eles teriam de ensarilhar armas e procurar vida nova, desgostosos e vencidos da que levam.

• Mais uma migalha de uma «Viúva com seu marido vivo». Como há-de ser deliciosamente amargo subir calvários assim, quando a consciência não morde! Vítimas vivas e inocentes, missionárias do Bem, esta viuvez esquisita sobe o monte a perdoar e a amar, até encontrar no alto a Paz que vem da Cruz e que supera todo o sentimento humano. Esta anomalia na vida dos casados não se há-de ir buscar à natureza do sacramento, mas sim à do pecado do escândalo! Mas «ai daquele por quem vier ao mundo o escândalo! Melhor fora não ter nascido!» Por isso o Apóstolo previne o mundo e ensina que em matéria conjugal o corpo do marido pertence todo e somente a sua esposa; e o desta, todo e somente a seu marido — o preço do Bem na família.

D. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2.º vol.)

PARTILHANDO

Continuação da página 1

E, ainda, «do mal o menos» se a carne e o queijo chegassem à boca dos mais pobres...

- Conheci o António na barragem de Cambambe — Angola. Um bom operário que concorreu para o progresso da Nação.

MUDANÇAS DE ENDEREÇOS

Temos recebido devoluções de exemplares d'O GAIATO com endereço insuficiente, pela nota dos Correios. Jornais de assinantes que ainda não deram fé que o progresso bateu à sua porta. Por exemplo: lugares ou lugarejos (especialmente de regiões suburbanas) que ora são ruas com respectivo número de polícia, etc.

Noutros tempos, os pobres distribuidores corriam seca e meca para topar o destinatário. Presentemente, por excesso de carga, ou outros factores, não há tanto cuidado, apesar (de ou até por causa) do avanço tecnológico a montante.

Para se evitar este problema crucial, e a modo de S.O.S., pedimos encarecidamente aos assinantes d'O GAIATO que façam o favor de nos transmitir, a tempo e horas, a actualização dos respectivos endereços, já que não podemos remediar o caso doutra forma, como é óbvio.

Júlio Mendes

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes);
Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato (2 volumes); Barredo;
Ovo de Colombo; Viagens;
Doutrina (3 volumes); Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...;
Correspondência dos Leitores.

DOUTROS AUTORES: Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista; A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz.

★

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa 4560 Penafiel

Com a revolução veio baldeado e, com muito trabalho e lágrimas, conseguiu montar a sua oficina de carpintaria numa vila do Nordeste.

Trabalha quase dia e noite. A sua maior aspiração é educar os seus filhos.

Mas o Senhor — como a Job — permitiu reveses sem conta: Três operações, um desastre de carro e, por fim, um furacão arrancou o telhado da oficina danificando mobílias, edifício e máquinas.

Foi aconselhado a organizar um processo de pedido de ajuda para a reconstrução do edifício e reparação das máquinas. Completo este, apresentou-o na sede do Distrito. Depois de ter gasto as suas últimas economias no processo e viagens, veio esta resposta fria e lacónica: «Sabe, se você tivesse 15 operários ao seu serviço em vez de dois, seria ajudado».

Será esta a lei?

Então só os poderosos?

E os mais pequeninos, que são a maior força da Nação, não só pelo seu trabalho como por sua honestidade, continuarão esquecidos? «Que Deus nos acuda!»

Passei lá, há dias. Já reconstruí



O Calvário não é uma instituição hospitalar nem sequer um asilo ou coisa semelhante. Obra a seu modo, onde cada qual é filho dilecto, onde todos são irmãos e se entrecruzam para mais suavemente carregarem a cruz, tantas vezes demasiado pesada para um só. Aqui — na gravura — temos a Maria com a Belita ao colo, qual ama! Duas deficientes. Mas isso não conta. — Padre Baptista

de novo a sua oficina. Amigos bons e simples emprestaram-lhe o dinheiro.

Cheio de admiração, fiquei a olhá-lo — agarrado às tábuas e às máquinas.

Padre Telmo

Luta contra a pobreza

Continuação da página 1

etc.» Só que temos de confessar a nossa falta de atenção a esta estratégia aquando do II Programa, se é que ela não foi realizada num âmbito demasiado restrito, com excessiva discricção, em vez de projectada sobre o grande público.

A grande Imprensa ocupa-se tantas vezes de acontecimentos nulos e negativos cuja divulgação não aproveita a ninguém, antes polui moralmente o espaço em que vivemos...! Quem dera tivesse ao seu dispor muitas notícias construtivas como esta luta contra a Pobreza que é toda e só em favor do Homem, da sua libertação de tantos condicionamentos que o definham em termos de humanidade! Por isso aqui estamos, «instando oportuna e oportunamente» como S. Paulo recomendava ao seu discípulo Timóteo e recomenda aos discípulos de todos os tempos.

«Produção de notícias sobre o quotidiano dos projectos», diz o documento sobre que continuo debruçado. Pois é isso mesmo que pedimos. Não deixar arrefecer a ferida. Trata-la exaustivamente enquanto é tempo. Aceitar remédios de muitos que se apresentarão a oferecê-los se impressionados pela profundidade do ferimento, eles mesmos feridos também por comunhão com os directamente atingidos.

Os «ensaios de especialistas» não

são despiciendos. A publicação em revistas e a edição de boletins, de igual sorte. Mas por esta via poucos serão os sensibilizados. É o povo em geral que importa pôr em estado de alerta. E a ele chega-se pela via larga que são os grandes jornais. De resto, estes parecem interessados, a julgar da queixa do autor de uma entrevista publicada em 17 de Junho por um diário do Porto: «Registem-se as dificuldades encontradas em conseguir elementos sobre o projecto Sé-Barredo (...), pois o Comissário tem estado incontactável». E enquanto a entrevista levanta o véu sobre o projecto para o Bairro de S. João de Deus, o jornalista informa pela boca da secretária do Comissário que a «Imprensa terá, brevemente, notícias e surpresas». Que assim seja!

E já agora permita-se-me sublinhar um outro propósito constante da «Acção Modelo», ainda no parágrafo 9.1: «Reuniões periódicas inter-projectos afins que possibilitem a permuta ao nível das estratégias, dos métodos e resultados conseguidos».

Quantos obstáculos não hão-de encontrar os que caminham...! O saber cada um que não vai só, redobra forças. O desfasamento dos altos e baixos servirá de alento, ora a uns, ora a outros, na hora em que o desânimo espreita. O reconhecimento dos resultados que se vão conseguindo, é estímulo para ir mais longe.

Torno a dizer: Que assim seja!

Padre Carlos

NOVOS ASSINANTES

Permitam que destaquemos, na frente da procissão, uma boa Amiga, d'algures, que arrasta, pela sua doação, 36 novos leitores! Diz como: «Estou satisfeita. Pedi muito a Pai Américo para me ajudar. Hoje, domingo, no fim da Missa, fui dar a volta e ele tocou em alguns corações. Continuarei sempre que possa. É com muito amor e carinho que vou a caminho porque tudo é pouco para ajudar todos os que precisam».

A Fé arrasa montanhas!

Agora, passam uns caminantes da Beira Baixa que afirmam: «Queremos receber O GAIATO em nossas casas». O verbo querer tem muita força!

Os mais interessados seguem a vida d'O GAIATO e da Obra da Rua tão em pormenor que não resistem a marcar presença oportuna!

S. João do Estoril: «Fiquei muito impressionada com a carta da senhora que mandava suspender a assinatura porque O GAIATO ia para o cesto dos papéis sem sequer ser lido. Eu que ponho as lupas todas e mais algumas para ler o precioso jornal de ponta a ponta, paro tudo e enquanto não acabar de ler não estou cá. Por isso, resolvi arranjar um novo assinante que dê o devido apreço a O GAIATO».

Assinante 22255: «Com enorme admiração pela Obra do Padre Américo, concretizada na vida do dia-a-dia, a pequena ajuda de mais um assinante que a ficará conhecendo. Peço ainda a graça das vossas orações pela união da minha família».

Na procissão segue muita gente pelo seu pé — sem bordão. Este novo assinante, de Lisboa, expressa curiosas afirmações: «Junto remeto 500\$00 destinados a O GAIATO que desejo passar a assinar. Se é que não se importam de aceitar um 'borra botas' para o quadro onde figuram tantos e ilustres Amigos».

Para o fim, reservamos o interesse pelo Famoso no seio das famílias.

Porto: «Quero meter um netinho como assinante. Tem sete anos e já escreve muito benzinho. Desejamos que compreenda o efeito de se fazer o bem a quem precisa e, assim, irá lendo O GAIATO».

Penacova: «Recebendo regularmente o Famoso, de que muito gostamos e lemos sempre de uma ponta a outra, envio uma pequena importância para a assinatura, pois creio que estou em atraso. Desejava, igualmente, fazer um pedido: Mandem o jornal para uma tia que gostará de o receber».

Júlio Mendes



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 752285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Junho: 73.580 exemplares.